

DES(A)FIANDO NÓS: TRAJETÓRIAS DESOBEDIENTES EM UM HOSPITAL DE CUSTÓDIA

Michele Martinenghi Sidronio de Freitas¹

Mirele Correa²

Resumo: O presente ensaio é a trajetória de uma pesquisa-intervenção realizada em um Hospital de Custódia e Tratamento Psiquiátrico, mediante oficinas de intervenção artística. Prática que tomou por desafio problematizar as possibilidades da arte e da educação atuarem fora de uma perspectiva utilitária, mas na constituição de outras sensibilidades e olhares sobre si e o mundo.

O presente ensaio discorre sobre uma prática realizada no Hospital de Custódia e Tratamento Psiquiátrico – HCTP, mediante oficinas³ de muralismo realizadas pontualmente no período de três meses⁴ com pacientes-internos. Inserção que tomou por desafio problematizar as possibilidades da arte e da educação atuarem como ferramenta na constituição de outras sensibilidades e olhares sobre si e o mundo.

É necessário evidenciar, que este artigo antes de se tornar a cartografia de uma vivência no hospital de custódia, ele constituiu-se primeiramente como atuação prática com o coletivo Pintelute, da qual uma das pesquisadoras que aqui escreve é integrante. Mas que agora, apresenta-se em um segundo movimento de pesquisa-intervenção cartográfica (BARROS; PASSOS, 2014, p. 173), onde a escrita busca recolher algumas pistas desta inserção e mobilizar outros pensamentos que foram possíveis em sua prática.

O HCTP, espaço aonde as oficinas se desenvolveram, encontra-se dentro do Complexo Penitenciário de Florianópolis - SC e recebe pessoas em conflito com a lei, das quais no processo de julgamento lhe atribuíram algum diagnóstico de transtorno mental. Por consequência, foram julgadas por crime inimputável, ou seja, não possui discernimento de sua ação e cumprem medida de segurança, pois apresentariam risco à sociedade. A saber, os hospitais de custódia são geridos pelo judiciário e não pela saúde, algo que dentro da reforma psiquiátrica vem tentando ser alterado, sendo assim, sua estrutura e a de uma penitenciária são extremamente similares⁵ - grades, cadeados, celas, corredores, isolamento, abandono, negligência, vigilância, são elementos que compõe o território de um hospital de custódia para além da intensa medicalização.

¹ Doutoranda em Educação pela UNICAMP. E-mail: michelemsfreitas@gmail.com.

² Discente do Programa de Pós-Graduação em Educação – Doutorado em Educação, da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP. Integrante do PHALA – Grupos de Pesquisa em Educação, Linguagens e Práticas Culturais. Muralista do Coletivo Pintelute núcleo Florianópolis. E professora que realizou a prática dentro do Hospital de Custódia. E-mail: mirele_correa@yahoo.com.br.

³ As oficinas foram realizadas pelo coletivo Pintelute núcleo Florianópolis – SC, durante o período de junho a setembro de 2017. A inserção no hospital de custódia foi possível através da mediação da Prof^a Ana Maria Hoepers Preve (UDESC) em diálogo com a Escola da Penitenciária, diretor e Psicóloga da instituição. Para mais informações sobre o coletivo acessar: <https://www.facebook.com/pintelute/>.

⁴ Apesar do artigo relatar a inserção pontual de três meses do coletivo Pintelute, a pesquisadora que aqui escreve já trabalhava a mais de um ano e meio com oficinas de intervenções (poesias, lambe-lambes, grafites, bricolagens, cinemas, etc.) articuladas ao Grupo de Pesquisa Geografias de experiências (UDESC), trabalho que resultou na dissertação intitulada “Educação como invenção: o lambe-lambe e as potencialidades de uma aprendizagem em fuga” (2016).

⁵ É possível afirmar isto, pois a pesquisadora que realizou a prática, também foi professora da Escola de Jovens e Adultos no Complexo Penitenciário de Florianópolis, exercendo aula no regime fechado, regalia, centro de triagem (COTE) e Feminino.

Estes pacientes por não estarem cumprindo regime de reclusão, mas, medida de segurança, são despojadas de qualquer tipo de autonomia, pois para serem liberados necessitam de um diagnóstico psiquiátrico que cesse sua periculosidade e posteriormente seja encaminhado para jurídico, que avalia e, encaminha, ou não, o alvará de soltura. Há ser mais desagradável, mesmo quando os pacientes passam pelo diagnóstico psiquiátrico onde sua periculosidade à sociedade é cessada, é necessário que alguma pessoa - um tutor - responsabilize-se pelo paciente, caso contrário este não pode sair da instituição. Na prática, chamamos de 'prisão perpétua' por diversos fatores: as pessoas não possuem mais vínculo com a família ou esta não quer responsabilizar-se; o profissional da saúde (psiquiatra) tem receio de cessar a periculosidade; ou as avaliações e encaminhamentos jurídicos demoram a acontecer. O resultado é um conjunto de pessoas em reclusão entre dias, meses, ou até dez, vinte, trinta, quarenta anos de isolamento.

Linguagem em tinta

As oficinas de muralismo com o coletivo Pintelute consistiram em sete encontros de aproximadamente três horas. O primeiro contato foi a convite da direção com intenção de reformar uma área interna do HCTP, mas que o coletivo propôs que fosse construída em conjunto com os pacientes através das oficinas. Como os pacientes já possuíam contato de um ano e meio com outras técnicas de intervenção urbana ministradas por uma dasicineiras de muralismo, a prática se deu com fluída interação.

Deste modo, o coletivo considerou que era possível levar uma proposta de desenho a ser conversado com os participantes. O rascunho consistia na homenagem a um senhor que vive a aproximadamente quarenta anos de reclusão no HCTP e que é responsável pela horta do hospital.

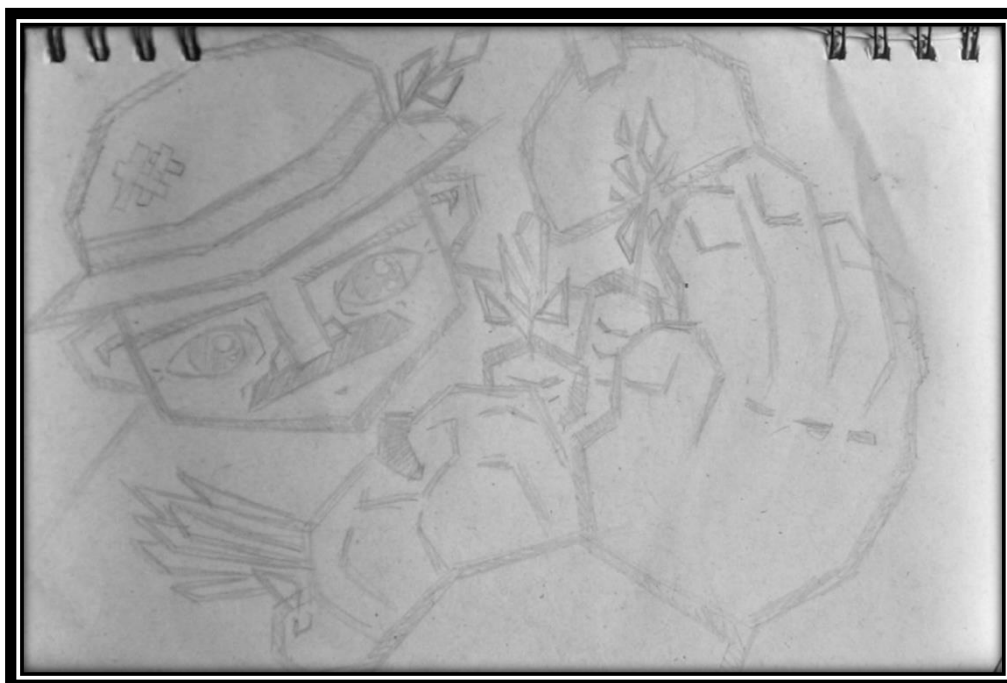


Figura 4: Rascunho da proposta de mural para o HCTP, junho de 2017. Arquivo da pesquisadora.

A partir do rascunho propomos um experimento com a estética e técnica do muralismo a partir da sua prática, nesse caso seu contato inicial não se deu a partir de explicações prontas, mas em tinta, no contato com as processualidades da criação. Desta forma, o coletivo estava

apenas para prestar suportes pontuais, assim desde preparar a superfície lixando, transferir o decalque do rascunho para a parede, até seu último traço de tinta fora realizado pelos pacientes.

As oficinas de muralismo buscam criar espaços de aprendizado ao desenvolver murais que dialoguem com a realidade social de populações em situação de vulnerabilidade e negligência social. A fim de contribuir na criação de novas dinâmicas de participação e criação cultural, de modo que a pintura como linguagem potencialize lutas na perspectiva de uma autoformação emancipadora.

Apesar do muralismo militante trabalhar uma estética de propaganda e agitação política combativa, no contexto do HCTP, o mural proposto buscou carregar cores e elementos ‘mais leves’ ao reconhecer os obstáculos e dificuldades do contexto de reclusão, não que não fosse possível um diálogo ‘combativo’ com a questão carcerária e manicomial, mas que talvez naquele contexto não fora possível, mesmo que as oficinas e as imagens produzidas terem operado nesse sentido.

As imagens que se seguem foram realizadas nos sete encontros com as oficinas de muralismo, nesse sentido não irei me ater à memória dos fatos, mas dos afetos, do invisível, do não comprovável que seria formação do desejo no campo social, e que aqui trarei como pequenos fragmentos de registro – fotos e vídeo, cabe ao leitor pensar nas forças que atravessaram essa prática.



Figura 5: Primeiro dia de oficina de muralismo, HCTP junho de 2017. Arquivo da pesquisadora.



Figura 6: Segundo dia de oficina de muralismo, HCTP julho de 2017. Arquivo da pesquisadora.



Figura 7: Mural finalizado no quarto encontro de oficina de muralismo, HCTP julho de 2017. Arquivo da pesquisadora.



Figura 8: Um dos bancos pintados nas oficina de muralismo, HCTP setembro de 2017. Arquivo da pesquisadora.

Cartografias possíveis deste território

Em virtude do que foi mencionado, a inserção com tal densidade prática, encontrou na *cartografia como método* a processualidade de acompanhar as linhas traçadas na ação de perseguir pistas mobilizadas por suas inquietações, ou por seus processos inventivos que “[...] vai se tecendo no entrecruzar da discussão conceitual com a experiência concreta de habitar um território existencial singular” (ALVEZ; PASSOS, 2014, p. 131), implicando num movimento de produção e coemergência.

Para tal situação: “Não se trata, tampouco, de assumir uma atitude demonstrativa, mas afirmar uma dimensão construtivista da produção de conhecimento, uma experimentação ancorada numa realidade movente [...]” (BARROS; SILVA, 2014, p. 130). Habitar um processo de pesquisa é dar língua àquilo que pede passagem, fazer emergir intensidades, marcar vontades e desejos; delineando outras potências que tentam ser invisibilizadas por forças maiores, mas que, no entanto, insistem em fazer-se presente minoritariamente, transformando os modos de perceber e atribuir sentido a algo, alguém, algum lugar e ao mundo. Habitar, no entanto, é traçar no plano da experiência pequenos deslocamentos que tencionem os limites produzindo outras intensidades.

Deste modo, podemos traçar uma aproximação com *O mestre ignorante* de Rancière (2017), e a possibilidade de emancipar as inteligências das certezas fascistas. De acordo com Rancière (2017) é o mestre explicador que não abre espaço para o exercício do pensamento, que almeja e reproduz supostas respostas “certas”, “verdadeiras”, que constituem e constrói o incapaz, ou a incapacidade ao interromper e imobilizar o pensamento. Em conclusão, ‘é o explicador que tem a necessidade do incapaz’. “A explicação é, então, um constante processo de “empequenecimento” do outro ou, nas palavras de Rancière: *o embrutecimento do outro*” (SKLIAR, 2003, p. 233). Compreender, portanto, seria o início do fim, é a captura do aluno pela explicação do mestre.

Ser educadora e despojar-se de um posicionamento hierarquizado e autoritário do saber, não é o simples ato de não explicar, mas trata-se de uma outra forma de pensar o pensamento, experimentando nos interstícios entre o mundo que existe e a liberdade de criarmos outros. Não seria suprir as dessemelhanças, mas reconhecer a igualdade de que todos tem a capacidade de pensar, mesmo em suas diferenças, essa é a igualdade das inteligências. Em conclusão, para Rancière (2017) não há igualdade ou desigualdade, há diferenças, e a “instrução é como a liberdade: não se concede, conquista-se” (RANCIÈRE, 2017, p. 148).

O problema não é fazer sábios, mas elevar aqueles que se julgam inferiores em inteligência, fazê-los sair do charco em que se encontram abandonados: não o da ignorância, mas do desprezo de si, do desprezo *em si* da criatura razoável. O desafio é fazê-los homens emancipados e emancipadores (RANCIÈRE, 2017, p. 142).

Nesta configuração, a prática buscou uma (re)invenção de si, abandonando a socialização ancorada em explicação morais, valores, condutas. Poder-se-ia dizer muitas outras coisas sobre conduta, mas aqui tomemos esse contorno para pensar na perspectiva da educação. Para Rancière (2017), todo e qualquer pensamento regidos conforme a ordem social sempre exclui qualquer forma pensamento destoante, sobretudo, rejeita a emancipação intelectual, fundado sobre a inutilidade. “Se a sociedade se beneficiar de vossas experiências, contentando-se com elas, tanto melhor: vós sereis úteis ao Estado” (RANCIÈRE, 2017, p. 146), servindo-se a isso, a constituição de cidadãos escolarizados dentro da ficção política da igualdade. Não é apenas

na esfera econômica-política-cultural⁶ que o capital explora, mas também na constituição, supressão e apropriação da subjetividade, que está intrinsecamente atrelada ao desejo.

O que vaza de uma experiência

As atividades desenvolvidas com o muralismo para além da autonomia coletiva de criação, também buscaram dialogar com um trabalho político e social, em que seu movimento de inserção reconhece a arte como importante ferramenta de luta dentro das possibilidades de articulação com o meio em que se insere. Por isso, as oficinas de muralismo apresentam-se pertinentes na intervenção crítica e contestadora, sendo justamente uma fagulha que versa a perspectiva de mudança, cindindo nos territórios em que se insere uma arte que não quer ser propriedade, mas que busca tencionar e incendiar pensamentos.

Conforme Rolnik (2018) é preciso resistir no próprio campo da política, a produção de subjetividades e dos desejos é um território que tem que ser incansavelmente conquistado e reconstruído em cada existência. No HCTP as linhas que se delinearam para além da solidariedade com as pessoas que vivem em situação de reclusão e submetidas a diagnósticos excludentes, mas também foram traçadas propostas que rascunham outras subjetividades que resistam a imposição do ‘louco-criminoso’.

É necessário desarmar as configurações do poder deslocando a produção de subjetividade, desejo e pensamento que não tem haver com individualizar ações. Mas tomando como ponto de partida Rolnik (2018), o desejo é aquilo que age em nós, uma subjetividade que habita nossos desejos interiores ou exteriores ao sujeito.

É no tecer de novas tramas engajadas diretamente com uma prática, que delineamos uma pesquisa-intervenção *em* educação, e não *sobre* educação, pois possui natureza processual que ganha densidade ao longo de sua atuação na realidade, na qual a cartografia vem dar consistência a investigação quando esboça as possibilidades de capturar movimentos educacionais com as intervenções que propõe.

Falamos de uma educação que habitou o espaço por excelência da clausura e negação de si, mas que no tempo e espaço das oficinas abriram possibilidades à presença do outro, sua existência, vontades, linguagens e desejos que aquele espaço busca reprimir. A linguagem das oficinas foram as desejantes, que arriscaram cravar em tinta a língua dissonante do louco. “Ela é [a linguagem] esse desejo de compreender e de se fazer compreender, sem o qual nenhum homem jamais daria sentido a materialidade da linguagem” (RANCIÈRE, 2017, p. 95, [comentário nosso]).

Referências

ALVAREZ, Johnny; PASSOS, Eduardo. Cartografar é habitar um território existencial. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (Org.). *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009. 207 p.

BARROS, Regina Benevides de; PASSOS, Eduardo. Diário de bordo de uma viagem-intervenção. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (Org.). *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2014. p. 172-200.

⁶ Capitalismo hoje, corporificado de forma ainda mais violenta e exploratória pelo neoliberalismo.

BARROS, Maria Elizabeth Barros de; SILVA, Fábio Herbert da. Trabalho do cartógrafo do ponto de vista da atividade. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (Org.). *Pistas do método da cartografia: A experiência da pesquisa e o plano comum*. v. 2. Porto Alegre: Sulina, 2014. p. 128-152.

RANCÈRE, Jacques. *O mestre ignorante: cinco lições sobre a emancipação intelectual*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

ROLNIK, Suely. *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. Porto Alegre: Sulina, 2014.

ROLNIK, Suely. *Esferas da insurreição: notas para uma vida não cafetinada*. São Paulo: n-1 edições, 2018.

SKLIAR, Carlos. A Educação e a Pergunta Pelos Outros: diferença, alteridade, diversidade e os outros 'outros'. *Ponto de Vista*, Florianópolis, n. 5, p. 37-49, 2003.

SKLIAR, Carlos. *Desobedecer a linguagem*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.